

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Compreendendo as relações do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás com os seus públicos

Understanding the relations of the Museu Antropológico of the Universidade Federal de Goiás with its public



Adelino Adilson de Carvalho

Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás – PPGAS/UFG.
adelinomuseu@ufg.br



Camila Azevedo de Moraes Wichers

Professora do Curso de Graduação em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – PPGAS/UFG.
camilamoraes@ufg.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar a relação entre museus e públicos, desde a segunda metade do século XX até chegar nos novos públicos dos museus contemporâneos, tomando como base a exposição de longa duração do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) “Lavras e Louvores”. Também será discutido a questão das diversas narrativas que os públicos constroem em diálogo com os objetos expostos em uma mostra

ou exposição. A segmentação do público visitante do MA/UFG será apresentada, bem como será trazido um painel acerca dos públicos desse museu, por meio de instrumentos de análise que conjugam abordagens quantitativas e qualitativas.

Palavras-chave: Museus. Públicos. Museu Antropológico.

Abstract: This article aims to address the relationship between museums and audiences, from the second half of the Twentieth Century to reaching new audiences in contemporary museums, based on the long-term exhibition at the Museu Antropológico at the Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) "Lavras e Lou Loudes". The issue of the some narratives that audiences build in dialogue with the objects exhibited in a show or exhibition will also be discussed. The segmentation of the visiting public of MA/UFG is presented, as well as a panel about the audiences of that museum be brought up, through analysis instruments that combine quantitative and qualitative approaches.

Keyword: Museums. Audience. Museu Antropológico.

Recebido: 30/10/2019.

Aprovado: 28/11/2019.

Introdução

Os museus da atualidade são compreendidos como instituições culturais e tecnológicas, o que os habilita a ressignificar o que herdaram, provocando assim várias interpretações e narrativas. Este é um espaço de sociabilidade, interação, provocando experiências diversas. Em resumo, são espaços propiciadores de elos entre o patrimônio cultural (material e imaterial) e a sociedade.

Desde sua origem, no século XIX, os museus passaram por mudanças que alteraram esse foco de atuação, transferindo o olhar e as práticas dos profissionais dessas instituições do cuidado com as coleções para a atenção com o público, e em conformidade com Rivière (1989). Essa tendência tem suas raízes históricas no amplamente documentado movimento que transformou as instituições museológicas a partir da segunda metade do século XX. Essas mudanças alteraram o foco de atuação dessas instituições, transferindo o olhar e as práticas de seus profissionais do cuidado com as coleções para a atenção com o público.

A Mesa-Redonda do *International Council of Museums* (ICOM) em Santiago do Chile, em 1972, pode ser destacada, já que se consistiu em um marco para os museus, pois retirou a ênfase das coleções e enfatizou o papel dos museus a serviço da sociedade e sua contribuição para as mudanças nas estruturas sociais, fazendo com que os museus tenham um papel importante na educação da comunidade em geral. No tocante a esse assunto, o Cadernos de Diretrizes Museológicas nos aponta que,

Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviços dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para a educação, a identificação, a

confrontação, a conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade (Caderno de Diretrizes Museológicas, 2006, v. 1, p. 27).

Segundo Poulot (2013, p. 28), na década de 1970, os museus que tinham fama por causa da preciosidade de suas coleções, passam a ser reconhecidos pela originalidade das suas exposições. Desde então, é crescente a visão de que as exposições são as responsáveis pela interação entre os museus e o público, propiciando ao visitante se conectar com tempos, espaços, culturas e áreas diversas do conhecimento, se utilizando de estratégias como, sons, imagens, textos, cenários, dentre outros elementos. Na maioria das exposições o público é impedido de tocar os objetos, que ficam isolados por sistemas de segurança, o que acaba estimulando a contemplação, porém, há museus que preparam suas exposições de maneira a estimular uma maior interatividade com o público.

Não faz sentido falar de público em museu sem discutir sobre a democratização do acesso a esses espaços. Em um país tão diverso como o Brasil, mas ainda com muitos contrastes, democratizar o acesso aos museus e a produção das narrativas expográficas, deve ser uma preocupação constante nos museus. Nesse sentido, para Marandino (2013), "O museu pode ser o lugar da inclusão, da formação de novos públicos, da democratização do conhecimento, mas também da exclusão, do *apartheid* entre os "cultos" e daqueles que sempre ficarão à margem". E a autora completa que,

Conhecer melhor esses "públicos", suas demandas, seus interesses e conhecimentos prévios, e melhor elaborar ações que satisfaçam suas expectativas, é hoje item recorrente na literatura sobre o tema. É, contudo, igualmente necessário que as equipes educativas tenham clareza de seus objetivos, das concepções

pedagógicas que as inspiram e que planejem ações que articulem as intenções dos museus com aquelas de seus públicos.” (MARANDINO *op. cit.*, p. 5).

Compreender como se dá, de fato, a ligação entre o museu e seu público, e mais que isso, que tipos de narrativas são estabelecidas entre esses dois atores, é uma tarefa complexa, pois, segundo Gonçalves (2009),

A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória, ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é medida pela experiência pessoal do narrador (GONÇALVES, 2009, p. 172).

Em um museu antropológico temos a construção de narrativas construídas por antropólogas(os), que resultam, em sinergia com profissionais de museologia, em descrições museológicas, que compõe suas exposições, as quais são interpretadas pelas diversas comunidades que constroem suas histórias nativas (Moraes Wichers, 2017). A partir destas afirmações é possível encontrar os mais variados descritores em um museu, em uma exposição, cada um com a sua particularidade, com tantas vozes e temporalidades, experiências e vivências. Porém, para que essas informações façam sentidos,

É preciso construir as condições para a transmissão dos saberes e para o fortalecimento dos elos de memória coletiva e social que os museus envolvem. Os museus podem se constituir em

importantes instrumentos de construção da memória coletiva por sua atuação de preservação da memória e difusão da cultura (local, nacional, universal) e também por suas múltiplas interfaces no âmbito da sociedade (ABREU *et al.*, 2016, p.111-134).

Esses estudos, voltados a compreender as relações entre públicos e museus, tornaram-se mais frequentes a partir da década de 1970, quando,

se amplia o interesse da comunidade museológica para a realização de avaliações e investigações em museus, que é somente quando os profissionais de museus passam a mudar a perspectiva de relacionamento com o público, no sentido de ampliar o perfil de visitantes e proporcionar uma experiência cultural mais significativa, é que os estudos de público vão ser melhor desenvolvidos. (STUDART *et al.*, 2003).

Na obra “O amor pela arte”, Bourdieu (2003), em coautoria com Alain Darbel (1969), aborda o público europeu dos museus de arte evidenciando com rigor estatístico que a frequência aos museus aumenta à medida em que se eleva de nível econômico e escolar. No Brasil, resultados similares foram obtidos em uma pesquisa realizada em 2005 nos museus cariocas (KÖPTKE *et al.*, 2006). Contudo, as pesquisadoras envolvidas chamam a atenção para o fato de que a crítica bourdieana da teoria do dom para explicar as desigualdades diante da cultura, não aborda como capital ou recurso, práticas outras que não as legitimadas (KÖPTKE *et al.*, 2006).

Canclini (2005, p.90), do mesmo modo, questiona a cisão radical feita por Bourdieu entre uma estética pragmática e funcionalista das classes populares e uma estética dominante onde “o gozo da arte requer deixar de lado a vida”. Para Bourdieu (*op. cit.*)

o lugar por excelência das lutas simbólicas seria a própria classe dominante, admitindo em poucas passagens que as classes populares contariam com alguma forma de proto-resistência (CANCLINI *op. cit.*, p.86), pelo contrário Canclini afirma que,

Concordo com Bourdieu quanto ao fato de que o desenvolvimento moderno possibilitou uma forte autonomização do campo artístico e dos signos estéticos na vida cotidiana, e de que a burguesia encontrou na apropriação privilegiada dos signos, destacados da sua base econômica, um modo de eufemizar e legitimar sua hegemonia, mas sem desconhecer que nas culturas populares existem manifestações simbólicas e estéticas próprias, cujo sentido supera o pragmatismo cotidiano. Em aldeias indígenas, camponesas e também em grupos subalternos das cidades encontramos partes da vida social que não se submetem à lógica da acumulação capitalista (CANCLINI *op. cit.*, p.91).

8

A visita a museus é uma prática social e cultural que vai se formando na escola, junto à família e amigos e, neste contexto, considerando que no interior do museu encontram-se os seus mais variados públicos, as pesquisas desses coletivos são importantes para avaliar e compreender as diferentes experiências e significados construídos por diferentes públicos.

Um dos desafios da presente pesquisa reside justamente em rastrear as percepções que os públicos têm na exposição de longa-duração do Museu Antropológico da UFG (MA/UFG), traçando caminhos para compreender as ressignificações das narrativas como resistências, bem como para que esses públicos se tornem cada vez mais diversificados, diminuindo a apropriação desigual desse espaço pelas diferentes pessoas. Para tanto, cabe traçarmos uma possível categorizações do público do MA/UFG.

Mas que museu é este?

O MA/UFG (Figura 1), atualmente é um órgão suplementar da Universidade Federal de Goiás (UFG). É um museu universitário importante para a Antropologia no Brasil Central e Brasileira. Este tem o seu nascimento proveniente do idealismo e da persistência de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG, tendo sido fundado em 1969 e inaugurado em 1970. O museu tem no seu acervo sua primeira ligação no que diz respeito às atividades de pesquisa. Esse acervo é resultante de investigações direcionadas para a compreensão dos costumes dos povos do Brasil Central. A primeira coleção etnográfica do acervo teve origem em uma pesquisa desenvolvida no Parque Indígena do Xingu realizada pelo Prof. Acary de Passos Oliveira, que depois se tornou o primeiro diretor do MA/UFG. Em seu início, o acervo era constituído tão somente por peças indígenas, o que ia ao encontro à proposta quando da criação do Museu, que era a de salvaguardar a cultura material indígena da região.

O MA/UFG, ao longo desses 50 anos, desenvolve projetos de pesquisa e extensão ligados aos povos indígenas e a outros grupos regionais, dando ênfase às questões culturais das sociedades, comunidades e grupos sociais da região Centro-Oeste e isso está reforçado pela exposição Lavras e Louvores. Na atualidade, resulta em um museu universitário e um centro de pesquisa interdisciplinar no campo da antropologia e áreas afins, que agrega a ação de pesquisadores do seu próprio quadro e de distintas unidades de ensino da UFG, se constituindo também em local de estágios e espaço de aprendizado para os estudantes, sobretudo, do bacharelado em Museologia da UFG.



Figura 1: Foto da fachada do Museu Antropológico da UFV (Fonte: foto do autor/2017).

Antes de adentrarmos na segmentação dos visitantes do MA/UFV faz-se necessário escrever resumidamente sobre a exposição de Longa Duração Lavras e Louvores. Aberta ao público em 11 de dezembro de 2006, “Lavras e Louvores” é a atual exposição de longa duração do MA/UFV e teve como curadoras as professoras Dra. Nei Clara de Lima e Dra. Selma Custódia Sena. Como o título da exposição aponta, ela quer passar uma imagem de alternância entre o trabalho (lavras) e a festa (louvor). A exposição em tela inovou ao ser concebida em outros moldes, quando comparada às exposições anteriores do MA/UFV, pois evidencia as mudanças do olhar antropológico lançado pelo museu, bem como seus desdobramentos no que concerne aos processos de musealização.

Além disso, percebe-se também que há a intenção da curadoria em contrapor-se às descrições que se tem na historiografia tradicional, onde o sertão é contado como um lugar inóspito, perigoso e com habitantes igualmente perigosos e hostis. Com essa exposição as curadoras queriam igualmente colocar em xeque as

narrativas que, para se legitimarem, recorrem às estratégias ufanistas, como por exemplo, o engrandecimento do movimento dos bandeirantes paulistas em busca da mão de obra indígena e das riquezas minerais. É de uma outra perspectiva que essa exposição pretende contar a região.



Figura 2: Painel de entrada da exposição Lavras e Louvores (Fonte: foto do autor/2017)

Mas quem frequenta essa exposição? Com que objetivos? Por que ir a um museu? São perguntas que tentaremos ter a resposta ao final deste artigo e, para isso discutiremos a segmentação dos visitantes a este espaço, bem como discutiremos os instrumentos de análises para termos uma melhor percepção. Serão estes instrumentos que nos permitirá compreender o que representa esse museu para o seu público e, além disso, possibilitará que entendamos se a exposição, através das suas narrativas a que se propõe, de fato, faz com que o espectador se sinta representado no recinto.

Interessante deixar claro ao leitor que este estudo se baseia no público que visitou o museu em grupo e o público individual espontâneo que adentrou ao espaço expositivo e não representa o universo dos visitantes do MA/UFG. Trata-se de uma amostragem

de um longo período, mas que é de um recorte específico de um público diverso, formado também por pesquisadores, técnicos-administrativos, dentre outros.

Segmentação dos visitantes do Museu Antropológico da UFG (MA/UFG)

Dentre tantas tarefas significativas em um museu, uma das mais importantes consiste na distinção entre os vários públicos que frequentam o local, levando em conta as suas necessidades e prioridades. Os museus deveriam estar destinados a todo tipo de público, independentemente da idade, gênero, raça ou classe, ou outros marcadores sociais de diferença.

Faz-se necessário considerar que os espaços museais não só mantêm relações externas com os visitantes, mas que também terão que familiarizar-se com o público que está no seu entorno e que, dependendo da gestão da instituição, pode se converter em usuários ativos do espaço. Por sua vez, os grupos escolares são um dos setores mais aguardados e têm como objetivo principal da sua visita o lúdico combinado com a aprendizagem, e é nesse ponto que o museu poderá colocar em prática a sua importante e essencial função educativa.

O público que frequenta o MA/UFG é formado por: pesquisadores e profissionais que estão interessados em buscar informações específicas sobre os seus temas; estudantes universitários, para também desenvolverem as suas atividades de pesquisas, bem como para cumprirem os seus estágios e, principalmente, estudantes das redes estaduais e municipais de ensino médio e fundamental I e II, com destaque para os últimos segmentos.

A segmentação do público que visita o MA/UFG se assemelha muito à diferenciação feita por Marandino (2008), onde temos o público escolar, grupos organizados e o público em geral. O público escolar, por sua vez, está subdividido em quatro categorias:

- Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II;
- Ensino Médio;
- Educação de Jovens e Adultos;
- Ensino Superior.

Os grupos organizados, diferentemente dos grupos escolares são, normalmente, grupos de Terceira Idade e provenientes de outros municípios. Os visitantes espontâneos são aqueles que visitam o museu sem um agendamento prévio. No MA/UFG não há um estudo sobre quem são esses visitantes espontâneos, porém, o livro de visitação comprova que há muitos turistas, ou seja, há aí um nicho a ser explorado pelo setor educativo do museu.

Em termos numéricos, conforme tabela e gráfico a seguir, desde a sua inauguração (dezembro de 2006*) até o fim de junho de 2018, a exposição Lavras e Louvores recebeu no total, levando em consideração todos os segmentos supracitados, de quase 34 mil visitantes, conforme a tabela 1 e figura 03 a seguir:

Tabela 01: Total de visitantes por ano na exposição Lavras e Louvores.

Ano	Público
2006	252*
2007	3.619
2008	4.839
2009	2.903

2010	2.363
2011	3.134
2012	2.510
2013	2.706
2014	1.801
2015	1.216
2016	2.127
2017	4.239
2018	1.848***
Total Geral	33.557

Fonte: Relatórios anuais do MA/UFG de 2006 até junho 2018.

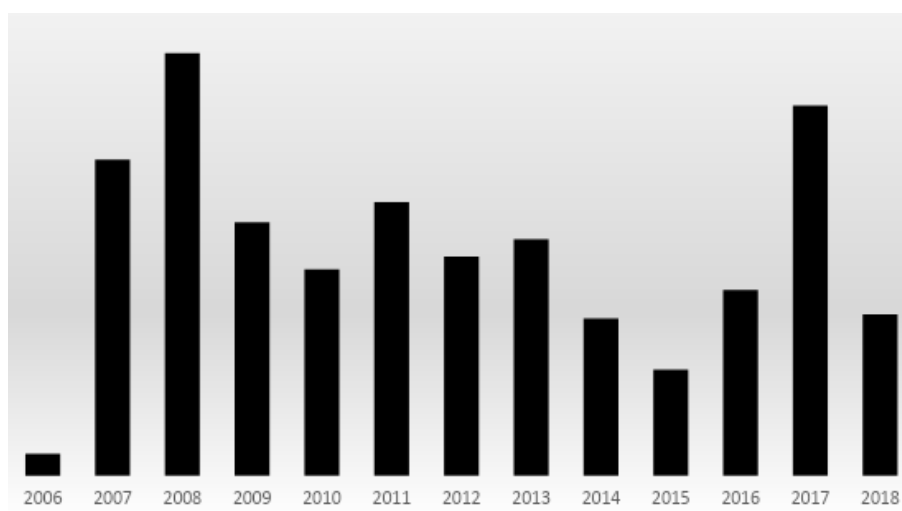


Figura 03: Gráfico comparativo com o total de visitantes de Lavras e Louvres.

*No relatório de atividades referente ao ano de inauguração da exposição (2006) só há referência de público relativa ao coquetel de inauguração, que foi na data de 11/12/2006. Segundo esse relatório compareceram ao coquetel 252 pessoas, sendo que para fins de relatório, classifiquei-as como público espontâneo. Até o momento não temos os dados referente ao intervalo de 12 à 29/12/2006, período pós-inauguração. No relatório da Instituição não aparece nenhum dado de público relativo a esse período.

**Dados coletados até o dia 30 de junho de 2018.

Tabela 02: Tipo de público/Quantidade.

Público	Quantidade
Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II	13.656
Ensino médio	2.677
EJA	89
Ensino superior	6.210
Grupos organizados	1.450
Público Espontâneo	9.475
Total Geral	33.557

Fonte: Relatórios anuais do MA/UFG de 2006 a junho 2018.

15



Figura 04: Gráfico comparativo com a segmentação de público da Exposição de Longa Duração.

Embasados nos dados da tabela 2 (acima), pode-se inferir que o museu tem como público majoritário os estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, seguidos pelo público geral e, continuamente temos estudantes do Ensino Superior. Sucessivamente, os estudantes do Ensino Médio e abaixo, em termos numéricos temos os grupos organizados, como mostram a tabela 2 e figura 04.

Tabela 03: Sistema de ensino – Público x Particular.

Público Escolar	Quantidade
Sistema Público	13.288
Sistema Particular	3.548
Total Geral	16.836

Fonte: Relatórios anuais do MA/UFG de 2007 até 2014.*

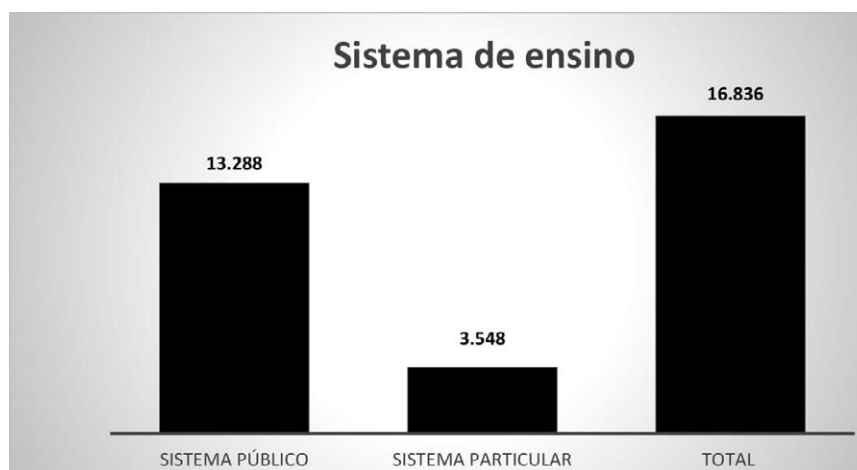


Figura 05: Sistema de ensino – Público x Particular.

Esses dados se referem ao período até onde se faziam a divisão do sistema de ensino (público/particular) relativo aos alunos visitantes da exposição. Ficou de fora desses dados 2.461 alunos de um projeto intitulado "Projeto conhecendo a UFG", que foi realizado com alunos do ensino médio de 2008 até 2014. Essa ausência se justifica pelo fato de no relatório não haver distinção entre o sistema público e particular, porém, esses dados entram na contagem geral de visitação à Lavras e Louvores. Essa distinção entre público e privado voltou a ser realizada a partir de 2018, portanto, nesses dados estão inclusos números coletados até 30 de junho de 2018.

Construindo instrumentos de análise

Diante do desafio em construir uma pesquisa antropológica voltada a compreender a relação do museu com um público tão amplo, foi necessário elaborar instrumentos de análise que, embora partindo de indicadores quantitativos, pudessem oferecer insumos para uma etnografia da experiência museal. Aqui serão apresentados primeiramente os dados quantitativos acompanhados de alguns apontamentos etnográficos. Durante o ano de 2017, foram selecionados vinte e sete grupos focais para o desenvolvimento desse estudo, tendo sido empregadas diferentes estratégias para a análise da relação entre esses grupos e o MA/UFG, sintetizadas no quadro que corresponde à figura 06.

A amostra investigada é constituída por vinte e sete grupos agendados para a visita do espaço expositivo do MA/UFG, nas **datas** de 12/01 à 27/07/2017. Cada grupo teve uma **quantidade** variável de visitantes. O controle de visita realizado pela equipe responsável do Museu é feito pelo **Caderno de Assinaturas** (4ª coluna na tabela) e também pelo **Registro de Atendimento Escolar** (5ª coluna na tabela), onde são anotadas as seguintes informações de perfil: **Nível de ensino** (9ª coluna na tabela) do grupo visitante; a **Disciplina** (10ª coluna na tabela) ministrada por quem agendou a visita; **Detalhamento** (11ª coluna na tabela), onde consta informações sobre a instituição, o grau de escolaridade, o curso, as etnias (no caso de visita de povos indígenas). Além desses controles formais utilizados em todas as visitas, também foram desenvolvidas outras estratégias - porém é importante ressaltar que não foram aplicadas em todas as visitas - a saber: **Pesquisa de perfil de público** (6ª coluna na tabela); os **Relatórios dos estagiários** (7ª coluna na tabela), no qual os mediadores descrevem a impressão

que tiveram no decorrer da mediação e; **observações participantes** (8ª coluna na tabela).

A amostragem contempla um universo de 27 grupos, totalizando 196 pessoas pesquisadas, que consistem em grupos escolares (em diferentes níveis) e, ainda no universo amostrado contamos com nove estudantes indígenas e 187 não indígenas. Como toda Pesquisa de Perfil de Público está acompanhada do Livro de Assinaturas foi possível mensurar as etnias indígenas representadas na amostragem, que são: Gavião; Guajajara; Karajá; Kuikuro; Tapirapé; Xavante; Xerente.

QUADRO DE CONTROLE DOS GRUPOS PESQUISADOS										
Grupo	data	Quant.	Cadmo assinatura	Registro atendim. escolar	Pesquisa perfil de público	Relatórios dos estagiários	Observação participante	Nível de ensino	Disciplina	Detalhamento
1	1/12/2017	13	1	1	0	0	1	Superior	Intercultural	Intercultural Indígena - UFG
2	2/10/2017	11	1	1	0	0	0	Superior	PPP VII	Pedagogia - Faculdade Araguaia
3	3/14/2017	12	1	1	0	0	0	Fund./Méd.	História	Basileu França
4	3/16/2017	40	1	1	1	1	1	Fundament.	Multidisc.	6.º ano/Escola Municipal
5	3/16/2017	28	1	1	1	0	1	Superior	Museologia	Arqueologia/PLIC/GD
6	3/23/2017	20	1	1	0	0	0	Superior	Paleontolog.	Biologia/UFG
7	3/23/2017	16	1	1	0	0	0	Superior	Paleontolog.	Biologia/UFG
8	3/24/2017	9	1	1	1	1	0	Médio	Artes	2.º ano - Basileu França
9	3/24/2017	32	1	1	0	0	0	Superior	Paleobiolog.	Biologia/UFG
10	4/4/2017	32	1	1	0	1	0	Fundament.	História	8º e 9º fund. - Orientar Centro Ed.
11	4/10/2017	34	1	1	1	1	0	Superior	Línguas Indig.	Letras/UFG
12	4/11/2017	49	1	1	1	1	0	Fundament.	História	6º e 7º ano/Orientar Centro Educac.
13	4/12/2017	24	1	1	1	0	0	Fundament.	História	6º e 7º ano/Orientar Centro Educac.
14	4/12/2017	36	1	1	1	0	0	Superior	Multidisc.	8º e 9º ano/Col. Est. Franc. M.Dantas
15	4/14/2017	24	1	1	1	0	0	Superior	Geologia	UFG - Aparecida de Goiânia
16	18/04/2017	19	1	1	1	0	0	Superior	Int. Est. Ling.	UFG-Letras
17	4/18/2017	7	1	1	1	0	0	Superior	Int. Est. Ling.	UFG-Letras
18	4/25/2017	58	1	1	1	1	0	Médio	Multidisc.	1ª série/ CPMG Valdemir Mundim
19	4/26/2017	104	1	1	1	1	0	Médio	Multidisc.	1ª série/ CPMG Valdemir Mundim
20	5/9/2017	31	1	1	0	0	0	Educ. Inf.	História	CEPAE/ UFG
21	5/10/2017	19	1	1	1	0	0	Educ. Esp.	Prod. Cultur.	UEG
22	5/11/2017	31	1	1	0	0	0	Educ. Inf.	História	CEPAE/ UFG
23	5/11/2017	23	1	1	0	0	0	Superior	Multidisc.	IEG/Técnico Integrado em Enfermag.
24	5/17/2017	10	1	1	1	0	0	Fundament.	Pedagogia	ESCOLA ARTE VIDA/ PARTICULAR
25	7/12/2017	9	1	1	1	0	1	Superior	Arqueologia	INTERCULTURAL - APINAJÉ,
26	7/13/2017	10	1	1	1	0	1	Ext. Ffr. Im. Arte	Arqueologia	INTERCULTURAL - APINAJÉ,
27	7/27/2017	13	0	0	0	0	1	Superior	Línguas Indig.	KAMAYURÁ

Figura 06: Quadro de controle dos grupos pesquisados.

Sobre a pesquisa de Perfil de Público (figura 07), foi utilizado alguns marcadores sociais da diferença, a saber: sexo/gênero (masculino; feminino; outro), Idade; Escolaridade (sem instrução escolar; ensino básico e ensino superior); Cor/Raça (branco; preto; pardo; amarelo; indígena) com a finalidade de esmiuçar mais que público é esse.

Após esses marcadores sociais, foi perguntado se era a primeira vez que visitavam o MA/UFG (sim; não), bem como o número de visitas anteriores à instituição. Importante evidenciar que a pesquisa foi aplicada no final da visita à exposição de longa duração, por isso era perguntado como o espectador estava se sentindo após a visita (muito satisfeito; satisfeito; pouco satisfeito, insatisfeito).

Sobre a visita, foram lançadas as seguintes perguntas: Você frequenta museus? Se sim, por que frequenta? Se não, por que não frequenta? O visitante tinha seis opções para o SIM e a mesma quantidade para o NÃO e a ele era facultado marcar mais de uma resposta.

Finalizando a pesquisa, foi solicitado que fossem colocadas três palavras que descrevessem a sua experiência na visita. Estas palavras foram analisadas por uma nuvem de palavras, apresentada adiante.

PERFIL DE PÚBLICO

Pesquisa em ____/____/____

Prezado visitante, esta pesquisa que estamos desenvolvendo é muito importante para melhor atendermos nosso público. Agradecemos a sua colaboração.

SOBRE VOCE

1. **Sexo:**
 Masculino Feminino Outro

2. **Idade:** _____ anos completos.

3. **Escolaridade:**
 Sem instrução escolar. Ensino Fundamental incompleto.
 Ensino Fundamental completo. Ensino Médio incompleto.
 Ensino Médio completo. Ensino Superior incompleto.
 Ensino Superior completo. Pós-graduação.

4. Com relação à sua **cor/raça**, como você se considera?
 Branco Preto Pardo Amarelo Indígena

5. É a **primeira vez** que você visita este Museu?
 Sim.
 Não. Informe o número de visitas (sem contar a visita de hoje): _____

6. Em relação à visita que você acabou de realizar, **você se sente (Escolha apenas uma resposta):**
 Muito satisfeito. Satisfeito. Pouco satisfeito. Insatisfeito.

SOBRE A VISITA
Você frequenta museus? **Se sim**, por que frequenta? **Obs: Pode marcar mais de 1 resposta**

1 - Gosto de museus ()
2 - Vou estudar ()
3 - Por lazer e diversão ()
4 - Para pesquisar o acervo, o prédio ou documentos ()
5 - Por curiosidade ()
6 - Por outras razões ()

Se não, por que não frequenta? **Obs: Pode marcar mais de 1 resposta**

1 - Porque me falta tempo ()
2 - Por falta de dinheiro ()
3 - Porque não conheço nenhum museu em Goiânia ()
4 - Pela dificuldade de acesso ()
5 - Porque não gosto ou não tenho interesse em museus ()
6 - Por outras razões ()

Cite 3 palavras que descreva a sua experiência na visita:

1 - _____
2 - _____
3 - _____

Figura 07: Pesquisa de perfil do público visitante da exposição *Lavras e Louvores*.

A seguir, os resultados obtidos por meio de 196 pessoas pesquisadas que preencheram os questionários.

Gênero

Em relação ao gênero (Figura 08), temos 36,22% de visitantes do sexo masculino e 63,78% pertencentes ao sexo feminino.

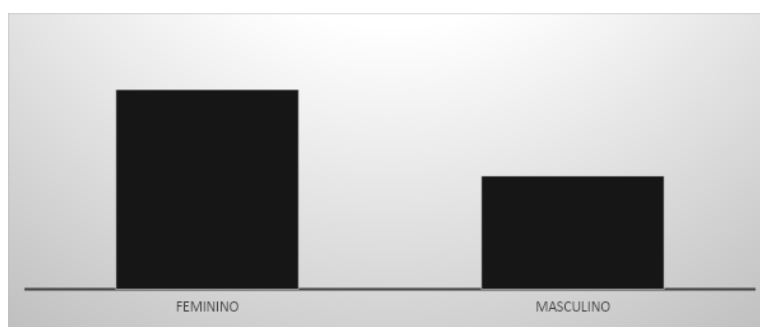


Figura 08: Comparativo de gênero na visita.

20

Faixa etária

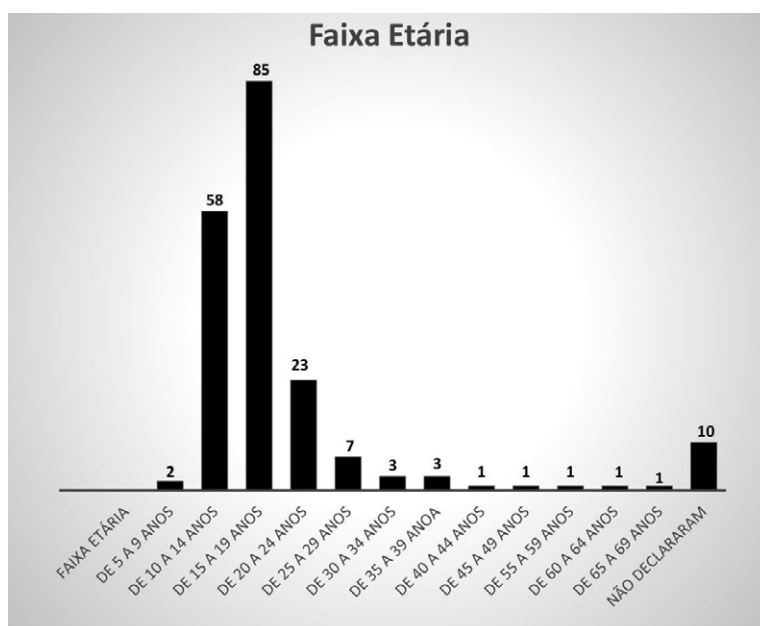


Figura 09: Faixa de idades dentre os visitantes.

Para confeccionar o gráfico da faixa etária (Figura 09), foram utilizados os mesmos intervalos aplicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em suas pesquisas. O que chama a atenção é o público jovem que visitou a exposição, sendo que se sobressaem as faixas etárias de 15 a 19 anos (43,36%) e de 10 a 14 anos (29,59%) do total da amostra, lembrando que os grupos nos quais focamos são formados por estudantes, o que explica em parte esse resultado. Nesta amostragem se pode constatar que este é um espaço sem idosos.

Escolaridade

Em relação à escolaridade (Figura 10), existem 39,18% pertencentes à Educação Básica e, 61,72% provenientes do Ensino Superior.

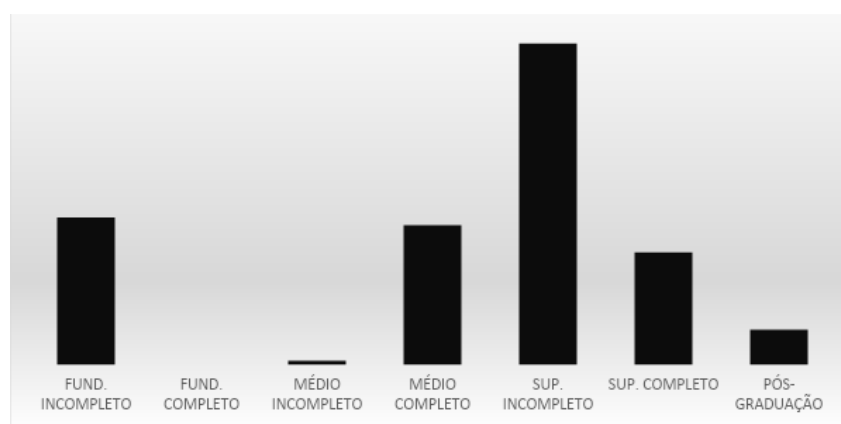


Figura 10: Escolaridade dos visitantes.

Cor/Raça

No que diz respeito ao marcador Cor/Raça (Figura 11), 82,65% se autodeclararam branco, amarelo ou pardo. Os negros representaram 12,75% do universo pesquisado e somente 4,6% se declararam indígenas. Aqui é necessário fazer uma ressalva quando à quan-

tidade de pessoas que se declararam negras. Foi constatado que os alunos tinham muitas dúvidas ao marcar a sua cor/raça. E na dúvida entre preto e pardo, marcavam a segunda opção, por isso tivemos uma grande quantidade de pessoas se declarando de cor parda.

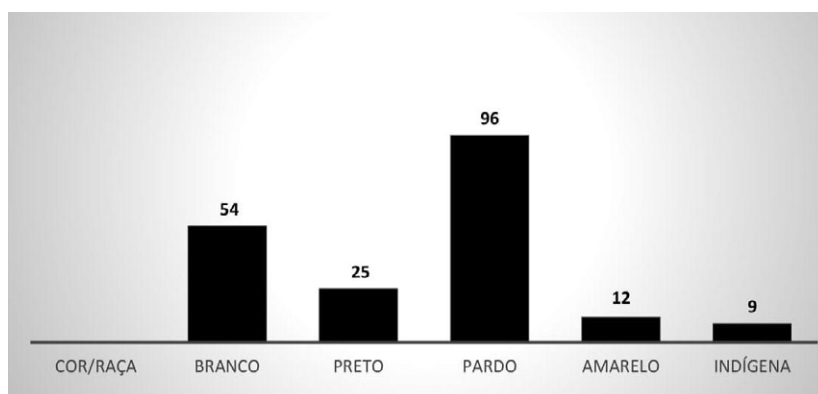


Figura 11: Cor/raça que realizaram visitas.

É primeira vez que visita o MA/UFG?

Mesmo que o público majoritário pesquisado pertença ao Ensino Superior, 81,12% dos entrevistados nunca tinham ido ao MA/UFG (Figura 12). O que acaba sendo um contrassenso, uma vez que este é um museu universitário, que se propõe a trabalhar com o ensino, pesquisa e extensão.

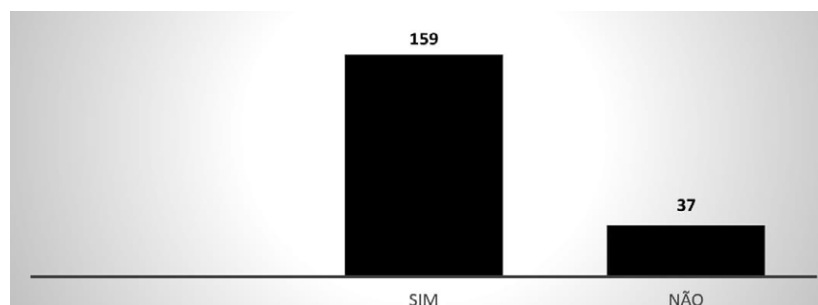


Figura 12: Representatividade dos que visitaram pela primeira vez.

Em relação à visita, como se sente?

Ao serem perguntados como se sentiam ao saírem da exposição, 92,35% se disseram satisfeitos e/ou muito satisfeitos com a visita que acabavam de fazer (Figura 13).

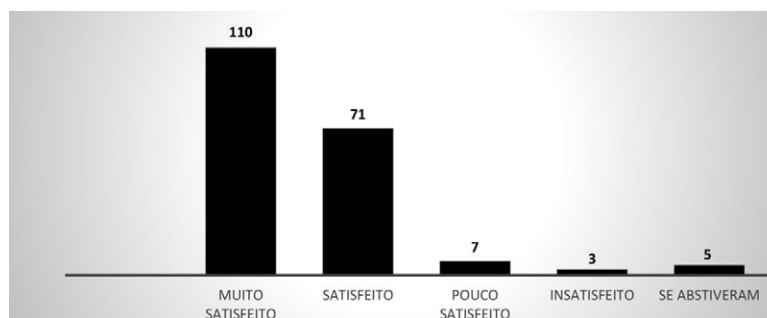


Figura 13: Percepção sobre a visita.

Você frequenta museus?

Chega a ser surpreendente o alto índice de 89,29% dos entrevistados frequentarem museus, nas mais variadas tipologias como aponta o gráfico abaixo (Figura 14).

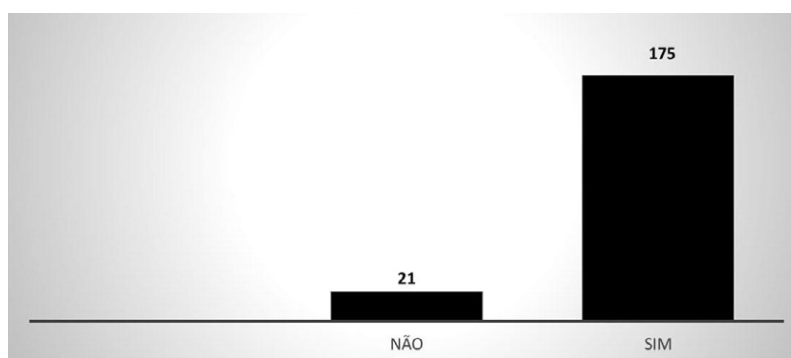


Figura 14: Você frequenta museus?

Por que você frequenta Museus?

Do público frequentador de museus 39,79% o fazem por curiosidade, enquanto 17,34% vão para pesquisar o acervo (Figura 15).

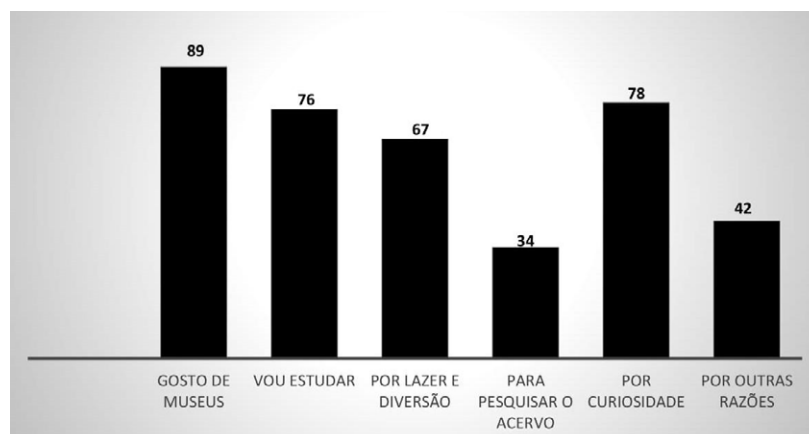


Figura 15: Questionamentos sobre o porquê você frequenta museus.

Por que você não frequenta Museus?

Do público que não frequenta museus, 110 pessoas (56,12%) se recusaram responder à esta pergunta quando questionados sobre o motivo da não visitação (Figura 16). Essa recusa em responder a esse questionamento nos levou a pensar que o público estivesse jogando com a pesquisa. Se recusaram por quê? Por vergonha? Tem a ver com a ideia de dizer que se   culto e que a cultura está no frequentar?

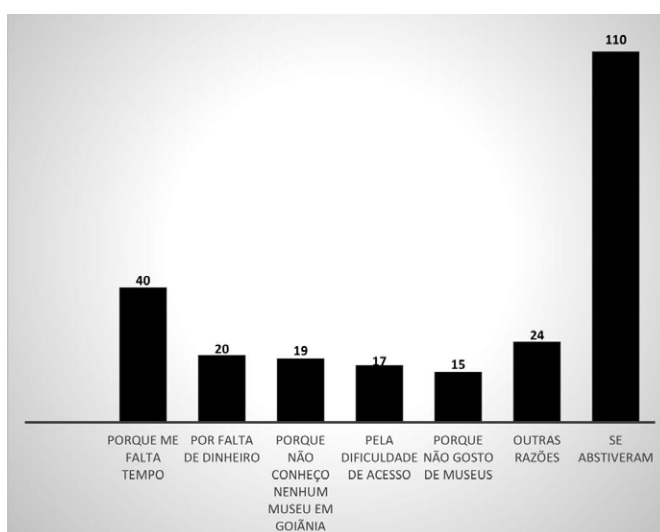


Figura 16: Questionamentos sobre a não visita o em museus.

conhecimentos prévios, experiências, memórias, como apontado por Falk e Dierking (1992), porém, nem todos os objetos e/ou instalações fazem sentidos a todos. Destarte, é importante uma ação educativa em uma exposição que vise provocar expectativas nos visitantes. Essas implicações resultam em diferentes leituras a partir da experiência pessoal de cada um, mas podemos afirmar que o grande desafio nessas mediações que são feitas nos traz o seguinte questionamento: como lidar com essas expectativas?

Desse modo, a experiência do público no MA/UFG vai além do espaço expositivo, já que, no caso dos museus, eles são apenas uma amostra organizada para a comunicação com os seus públicos. No entanto, esse espaço expositivo remete a outros espaços e outras relações. No caso dos visitantes indígenas, por exemplo, a exposição Lavras e Louvores é uma zona de contato com coleções e acervos salvaguardados pelo MA/UFG que resultam de expedições às regiões onde vivem esses povos, e de relações muitas vezes hierárquicas, conflituosas e coloniais estabelecidas no contexto de projetos nacionais de desenvolvimento.

Apesar do MA/UFG ser um Museu Universitário ele deve ir além dos seus muros. Como um Museu Antropológico situado na sua realidade histórico-social deve ser um lugar de debates, reflexões, provocando e construindo outras narrativas contrapostas às narrativas hegemônicas e sendo um espaço de acolhimento, de representação e livre manifestação da diversidade de vozes dos públicos que o frequentam.

À guisa de conclusão, esse trabalho representou um esforço etnográfico voltado para a compreensão de como um museu pode afetar a vida das pessoas e ser por elas afetado. Os números, os livros de assinaturas são objetos frios, eles por si só não expressam o impacto de uma visita museológica numa experiência de vida. Assim, esse trabalho consistiu em uma tentativa de oferecer sub-

sídios para o MA/UFG refletir sobre a sua prática e buscar novas formas de se relacionar com o seu público, tendo sempre no horizonte as perguntas: museu para quê e para quem? São perguntas que quiçá um dia estejam mais bem compreendidas, mas nem por isso devemos nos esquivar de procurá-las, uma vez que o Museu, como parte da UFG deve tomar para si essa discussão.

Referências

ABREU, R. M. R. M.; OLIVEIRA, R.A. **MUSEUS, NARRATIVAS E MEMÓRIA COLETIVA NO RIO DE JANEIRO**. IN: LIMA FILHO, MANUEL; ABREU, REGINA; ATHIAS, RENATO. (ORG.). **MUSEUS E ATORES SOCIAIS: PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS**. RECIFE: EDITORA DA UFPE/ABA PUBLICAÇÕES 2016. 2016. v. 1, p. 30-54.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O AMOR PELA ARTE: OS MUSEUS DE ARTE NA EUROPA E SEU PÚBLICO**. 2. ED. SÃO PAULO: EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: ZOUK, 2003. 243 p.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O AMOR PELA ARTE. OS MUSEUS DE ARTE NA EUROPA E SEU PÚBLICO**. 1. ED. SÃO PAULO: EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1969. 241p.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 1º: MINISTÉRIO DA CULTURA/ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS, BELO HORIZONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA/SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS. 2. EDIÇÃO. BRASÍLIA, 2006.

CANCLINI, N.G. **DIFERENTES, DESIGUAIS E DESCONECTADOS: MAPAS DA INTERCULTURALIDADE**. TRADUÇÃO LUIZ SÉRGIO HENRIQUES. RIO DE JANEIRO: UFRJ, 2005. 283p.

FALK, JOHN, E DIERKINK, LYNN. **THE MUSEUM EXPERIENCE**. WASHINGTON DC, WHALESBACK BOOKS (1992).

GONÇALVES, O. PATRIMÔNIO COMO CATEGORIA DE PENSAMENTO. IN: ABREU, R.; CHAGAS, M. (ORG.). **MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS**. 2.ED. RIO DE JANEIRO: LAMPARINA, 2009. P. 171-172.

KÖPTCKE, L. SEPÚLVEDA. BÁRBAROS, ESCRAVOS E CIVILIZADOS: O PÚBLICO DOS MUSEUS NO BRASIL. **REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E NACIONAL**, RIO DE JANEIRO, N. 31, P.184-205, 2005.

MARANDINO, M. PREFÁCIO. IN: **MARTINS, L.C.**; NAVAS, A.M.; CONTIER, D.; SOUZA, M.P.C. (ORG.). **QUE PÚBLICO É ESSE? FORMAÇÃO DE PÚBLICOS DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS**. 1. ED. SÃO PAULO: PERCEBE, 2013. 76P.

MORAES WICHES, C.A. NARRATIVAS ARQUEOLÓGICAS E MUSEOLÓGICAS SOB RASURA: PROVOCAÇÕES FEMINISTAS. **REVISTA DE ARQUEOLOGIA**, PELOTAS, V. 30, P. 35-50, 2017.

RIVIÈRE, G.H. **LA MUSEOLOGIE SELON GEORGES-HENRI RIVIÈRE**. COURS DE MUSÉOLOGIE/TEXTES ET TÉMOIGNAGES. BORDAS, FRANÇA: DUNOD, 1989.

RUBIALES, R. SIGNIFICANTE: BREVES NOTAS SOBRE INTERPRETACIÓN Y MUSEOS. 1. ED. EDUCACION E MUSEOS, 2008. E-BOOK. ISBN 978-85-914076-0-6. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PT.SCRIBD.COM/DOC/58643478/INTERPRETACION-EN-MUSEOS](https://pt.scribd.com/doc/58643478/INTERPRETACION-EN-MUSEOS). ACESSO EM: 18 NOV. 2019.

STUDART, D.; ALMEIDA, A.; VALENTE, M. PESQUISA DE PÚBLICO EM MUSEUS: DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS. IN: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. **EDUCAÇÃO E MUSEU: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CARÁTER EDUCATIVO DOS MUSEUS DE CIÊNCIA**. RIO DE JANEIRO: ACCESS EDITORA, 2003. P. 129-157.